

A IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA DO COTIDIANO ESCOLAR.

Didática – GT 4

Rogério Bezerra da Silva – IG UNICAMP – CNPq/PIBIC

Fabrcio Gallo – IG UNICAMP –FAPESP

Ricardo Aparecido Casarin – IG UNICAMP –FAPESP

O presente trabalho é fruto da pesquisa de dois bolsistas de IC apoiados pela FAPESP e um terceiro apoiado pelo CNPq/PIBIC, cujo objetivo era fornecer subsídios para a avaliação de aspectos do projeto “Geociências e a formação continuada de professores em exercício do ensino fundamental”; projeto este que foi uma parceria Universidade/Escola Pública que se desenvolveu de 1997 a 2000 sob responsabilidade do Departamento de Geociências Aplicadas ao Ensino, do Instituto de Geociências - UNICAMP. Adotamos como modo para coletar dados para o subsídio, a observação, em suas escolas, das professoras da rede pública participantes do projeto. As atividades consistiam em analisar os relatórios elaborados pelas professoras durante o projeto supra e dessas análises partir para as observações participante buscando comprovar mudanças no dia a dia da professora.

Segundo Ludke & André (1986, p. 26) a *observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional e possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado*. As mesmas autoras salientam que as técnicas de observação são extremamente úteis para “descobrir” aspectos novos de um problema. Nas observações em sala de aula foi adotada a observação participante, que segundo Denzin (apud Lüdke & André, 1986. p.183), *é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção*. Nesta pesquisa que participamos, a observação participante foi peça fundamental tanto metodologicamente como introduziu-nos nas pesquisas do tipo etnográfica.

André (1997, p.39) caracteriza a pesquisa etnográfica através de um contato direto e prolongado do pesquisador com as pessoas ou mesmo com os grupos que serão observados. A mesma autora comenta que os estudos etnográficos podem se utilizar de (...) *diferentes técnicas de coleta e de fontes variadas de dados... ainda que o método básico seja a observação participante*. Desta forma, uma pesquisa deste tipo é essencial no âmbito do cotidiano escolar na busca da compreensão de como a escola desenvolve seu papel

socializador, através da transmissão de conteúdos acadêmicos, da veiculação de valores e crenças, da rotina e das relações sociais que estão intrínsecas a este cotidiano. André (1997, p.39) salienta ainda que este (...) *processo de socialização ... não é tão determinístico ou mecanicista como se poderia imaginar. Da mesma maneira como a realidade social se configura contraditória, expressando no seu cotidiano uma correlação de forças entre classes sociais, a escola, como constitutiva dessa práxis, vê refletidas no seu dia-a-dia todas essas e outras contradições sociais.*

Passos *in* Aquino (1996, p.121) lembra que (...) *estudar a escola a partir da análise do seu cotidiano é compreender a ação dos sujeitos que nela se movimentam, entendendo essa realidade específica nas suas articulações com a realidade macrossocial.*

Compartilhamos a proposta de Reyes et alli (2001, p.1) de que uma pesquisa colaborativa e participativa (...) *ressalta a experiência dialógica vivida entre pesquisadores e professores e a possibilidade de construção conjunta de conhecimentos, a partir de uma dinâmica reflexiva da prática* e referendamos ainda a proposta de que entrevista por si só, sem se atrelar à observação, não nos permite captar os chamados *incidentes críticos* (Knowles e Cole, 1995), pois estes são dados significantes do cotidiano tais como confusões, complexidades e contradições que geram mudanças e influenciam profundamente na prática profissional. É partindo destes pressupostos que neste trabalho procuraremos demonstrar, através da experiência empírica em atividades de Iniciação Científica, como a observação participante, e sobretudo, a triangulação professor-aluno-observador foram de vital importância para o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, fazemos um discussão da importância de tal referencial teórico.

A pergunta principal da pesquisa que fora realizada procurava mostrar se as professoras avançaram na metodologia e na dinâmica, nas atividades dentro e fora da sala de aula, além de uma mudança de postura e atitudes, em decorrência de sua participação no projeto. Participaram da pesquisa cinco professoras:

Nome	Escola Estadual	Série	Disciplina	Horas de Observ.
Genoefa	Celso Henrique Tozi	7ª série	Geografia	30
Heronilda	Norberto de Souza Pinto	5ª série	Geografia	15
Inês	Manoel Ignácio	8ª série	História	15
Maria da Glória	Franklin Toledo Pisa	5ª série	Geografia	25
Santa	Jardim Sta. Lúcia II	5ª série	História	21

Ao se analisar as aulas da professora Glória pôde-se concluir que ela apresenta avanços e mudanças e estes ficam evidenciados se nos atermos em um primeiro momento à análise do discurso em sala de aula e depois na sua postura como educadora.

Percebe-se que os diálogos em sala de aula, principalmente quando se discute os assuntos geocientíficos, são aprofundados pela professora. Isso fica claro em vários momentos da análise das observações. Para citar um exemplo, numa discussão sobre pontos cardeais e orientação a partir do Sol ela pergunta: *E agora, como eu faço? Está sem Sol e não é de noite, e estamos sem bússola. Como faço para saber onde são os pontos?* propondo aos alunos que pensem sobre a atividade que discutiam; entre outras passagens. Desta forma alimenta-se a hipótese de que a professora aprofunda mesmo os diálogos, mas não “diálogos por diálogos”, são diálogos com conteúdo intrínseco.

Se partirmos do mesmo raciocínio para concluir-se as observações finais da professora Genoefa, fica mais difícil a até mesmo infiel se realizar uma análise de discurso em sala de aula, pois quase não havia diálogos na sala. Isso acontecia não porque a professora se impunha como autoritária em sala, mas porque a classe não se interessava mesmo. Sua concepção sobre ser mediadora na construção de conhecimentos cotidianos e científicos não ficou clara ao longo da pesquisa, já que insistentemente pedia sugestões e mesmo se considerando “criativa e inovadora” com seu projeto de percepção mental, não foi capaz de propor mudanças na 7^aC, que ela mesmo presenciou a necessidade e admitiu não ter conseguido. Isso ficou evidente na entrevista realizada com ela, quando comenta que desistiu da classe: *(...) eu tentei conversar, não gritar mais, mas a parte deles não teve retorno, então por isso eu fui desanimando, e na verdade eu abandonei a classe, estou com aquela meia dúzia para terminar o trabalho (...) os demais eu abandonei mesmo.*

Ilustrando a importância dos tais *incidentes críticos*, pode-se citar um momento de estresse presenciado na sala de aula onde a professora se exalta e joga uma cadeira no chão para “reclamar” do barulho que a classe fazia e chamar a atenção para si. Na entrevista com a professora comentei sobre este dia, e pude perceber através de seus relatos que, para ela, foi um dia de indisciplina “da classe” (e não dela), e que por isso necessitou da presença da diretora para acalmar os alunos. Se não estivesse presente na sala de aula, levaria em conta apenas a interpretação relatada pela professora, e não entenderia as relações e motivos da (possível) “indisciplina da classe”.

Analisando os relatórios da professora Santa constatamos que seu trabalho em sala de aula não apresentava problemas. Nas observações pudemos perceber que havia um problema que era a indisciplina e a professora não apresentava isso nos relatórios. Se ficássemos presos a análise documental não haveríamos descoberto esse problema. Foi necessário trabalharmos com a observação participante para colher dados importantes para a avaliação do projeto principal. A professora demonstrou ter criado uma “desculpa para si” em relação à indisciplina dos alunos e parece estar conformada com a desordem criada pela sua maneira

de guiar as atividades na sala de aula. Provavelmente, acredita ser suficiente andar por entre as carteiras e atender apenas os alunos mais quietos individualmente para que os mesmos construam por eles próprios os conhecimentos.

No caso da professora Heronilda, no início das observações tivemos a impressão de que tudo caminhava bem com as aulas, até que foram feitas as entrevistas com os alunos. Elas mostraram uma mudança tanto da professora em relação à classe como da classe em função da presença do observador. Algumas respostas dos alunos em relação à pergunta se a presença do observador havia alterado alguma coisa na sala de aula: *Acho que sim por que no primeiro dia a gente ficou ansioso para saber quem você era, aí a dona ficou legalzinha (...)/Mudou. O comportamento dos alunos. Eles ficaram mais quietos./Mudou muito. Por que você é quietinho e você não é uma pessoa que fala. A classe fica quieta por que pensa que você vai falar pra dona. Antigamente todo mundo achava ela chata./Antes a classe era um pouco mais bagunceira, mas mudou um pouco só.*

Apesar de havermos constatado uma mudança na professora e nos alunos devido à presença do observador, essa mudança não foi ruim e não trouxe problemas para o aprendizado dos alunos.

Quanto a participação da professora Inês no projeto Geociências, este resultou na elaboração de um texto pedagógico *Construindo o Conceito Tempo* (disponível no site <http://www.ige.unicamp.br/laboratorios/lrdg/index.html>) para alunos de 5ª. Série. Tal trabalho merece destaque, pois aborda de forma consistente o conceito “tempo” de fundamental importância tanto para o entendimento de História quanto para as Geociências. Porém, durante as observações participantes não foram identificados momentos em que a professora estivesse promovendo a mesma interdisciplinaridade tão significativa em sua participação no projeto.

Deve-se elucidar um momento que, mesmo sem o apoio da unidade escolar, a professora conseguiu efetivar um trabalho de campo com os alunos da 8ª. Série. Esse trabalho visava reconstituir a História da cidade de Hortolândia/SP. Para isso, a professora planejou um roteiro no qual se percorreu a pé os trilhos da FEPASA saindo da antiga estação ferroviária e chegando no horto florestal, já no município de Sumaré/SP (roteiro com aproximadamente 12 Km entre ida e volta).

Durante uma das observações participantes, na qual a professora discutia com a classe a respeito do trabalho de campo que havia sido realizado, a diretora da escola adentrou na sala de aula e passou a depreciar os alunos com o tom de voz sempre elevado. Após a saída da diretora, tornou-se difícil retomar o tema da aula. Então a professora pediu para que todos se pusessem em pé ao lado de suas carteiras (todos

atenderam ao pedido da professora) e começou-se a realizar movimentos de relaxamento por alguns instantes. Surpreendente: os alunos voltaram a se sentar e a professora conseguiu retomar a aula, inclusive com a atenção de todos, e a participação de alguns. Mais uma vez a professora mostrava que detinha o “domínio” sobre as situações vividas em sala de aula, domínio este conseguido através da relação de amizade estabelecida entre professora/aluno que não é lúcido nos trabalhos da professora escritos ao longo do projeto.

Reconhecemos, ao longo da observação, nas práticas profissionais dessa professora e através do cotidiano escolar o que, de acordo com Tardif e Raymond (2000, p. 228), seria a segunda fase na estabilização da carreira docente que para os autores seria a (...) *.fase de estabilização e de consolidação..., em que o professor se investe a longo prazo na sua profissão e os outros membros da organização reconhecem que ele é capaz de fazê-lo. Essa fase se caracteriza também por uma confiança maior do professor em si mesmo (...) pelo domínio dos diversos aspectos do trabalho, principalmente os aspectos pedagógicos..., o que se manifesta em um melhor equilíbrio profissional e, segundo Wheeler (1992), em um interesse maior pelos problemas de aprendizagem dos alunos; em outras palavras, o professor está menos centrado em si mesmo e na matéria e mais nos alunos.*

Desta forma podemos concluir que a observação participante em sala de aula, associada à entrevista e à análise documental, se demonstrou efetivamente eficaz para que se fizesse as análises das professoras, e principalmente neste caso, onde cada professora foi observada por um semestre ao longo do ano letivo, foi possível verificar estagnações nas práticas docentes, avanços na metodologia, assim como as *fases de estabilização e de consolidação* supra citadas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, M.E.D.A. A pesquisa no cotidiano escolar. *In*: FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 4º ed. São Paulo: Cortez,, pp. 35-45, 1997.

AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na Escola: alternativas e práticas**. São Paulo : Summus, 1996.

LÜDKE, M & ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, pp. 25-44, 1986.

REYES, C. R; MONTEIRO, H.; BRANDE, C.; GARCIA, A. R. MELLO, R.R.; Reflexões sobre a formação do professor através da pesquisa colaborativa em ação: diferentes experiências sobre o ensino-aprendizagem da língua materna. *In: Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores*. Ano VI. Águas de Lindóia, 2001.

TARDIF, M. e RAYMOND, D.; **Saberes, Tempo e Aprendizagem do Trabalho no Magistério**: Educação & Sociedade. Ano XXI. n.º. 73, pp. 209-244, 2000.

<http://www.ige.unicamp.br/laboratorios>

A IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA DO COTIDIANO ESCOLAR.

GT 4 - DIDÁTICA



INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da pesquisa de três bolsistas de IC, cujo objetivo era fornecer subsídios para a avaliação de aspectos do projeto "Geociências e a formação continuada de professores em exercício do ensino fundamental"; projeto este que foi uma parceria Universidade/Escola Pública que se desenvolveu de 1997 a 2000 sob responsabilidade do Departamento de Geociências Aplicadas ao Ensino, do Instituto de Geociências - UNICAMP.

METODOLOGIA

Adotamos como modo para coletar dados para o subsídio, a observação, em suas escolas, das professoras da rede pública participantes do projeto. As atividades consistiam em analisar os relatórios elaborados pelas professoras e, a partir dessas análises, partir para as observações buscando comprovar mudanças no dia a dia da professora.

DISCUSSÃO

A pergunta principal da pesquisa que fora realizada procurava mostrar se as professoras avançaram na metodologia e na dinâmica, nas atividades dentro e fora da sala de aula, além de uma mudança de postura e atitudes, em decorrência de sua participação no projeto.

Participaram da pesquisa cinco professoras:

Nome	Escolas Estaduais	Séries	Disciplina	H. de Observ.
Genoefa	Celso Henrique Tozi	7ª	Geografia	30
Heronilda	Norberto de S. Pinto	5ª	Geografia	15
Inês	Manoel Ignácio	8ª	História	15
M. da Glória	Franklin Toledo Pisa	5ª	Geografia	25
Santa	Jardim Sta. Lúcia II	5ª	História	21

As observações nas salas de aula permitiram que presenciássemos vários momentos contraditórios assim como *momentos críticos*. A professora M. da Glória numa discussão sobre pontos cardeais e orientação a partir do Sol ela pergunta: "E agora, como eu faço? Está sem Sol e não é de noite, e estamos sem bússola. Como faço para saber onde são os pontos?" propondo aos alunos que pensem sobre a atividade que discutiam; entre outras passagens. Desta forma alimenta-se a hipótese de que a professora aprofunda mesmo os diálogos, mas não "diálogos por diálogos", são diálogos com conteúdo intrínseco.

A concepção de Genoefa sobre ser mediadora na construção de conhecimentos cotidianos e científicos não ficou clara, pois não foi capaz de propor mudanças numa 7ª série, que ela mesmo constatou a necessidade e admitiu não ter conseguido. Isso ficou evidente na entrevista realizada com ela, quando comenta que desistiu da classe: "...eu tentei conversar, não gritar mais, mas a parte deles não teve retorno, então por isso eu fui desanimando, e na verdade eu abandonei a classe, estou com aquela meia dúzia para terminar o trabalho... os demais eu abandonei mesmo".

Quanto a participação da professora Inês, esta resultou na elaboração de um texto pedagógico "Construindo o Conceito Tempo" o qual aborda de forma consistente o conceito "tempo" de fundamental importância tanto para o entendimento de História quanto para as Geociências. Porém, durante as observações participantes a professora não promoveu a mesma interdisciplinaridade. Deve-se elucidar um momento que, mesmo sem o apoio da unidade escolar, a professora conseguiu efetivar um trabalho de campo com os alunos da 8ª. Série. Ao longo de toda a observação a professora mostrou que detinha o "domínio" sobre as situações vividas em sala de aula, como sobre a indisciplina, domínio este conseguido através da relação de amizade estabelecida entre professora/aluno que não é lúcido nos trabalhos da professora escritos ao longo do projeto. Reconhecemos nas práticas profissionais da professora e através do cotidiano escolar o que, de acordo com Tardif e Raymond (2000, p. 228), seria a segunda fase na estabilização da carreira docente: a "...fase de estabilização e de consolidação..., em que o professor se investe a longo prazo na sua profissão e os outros membros da organização reconhecem que ele é capaz de fazê-lo. Essa fase se caracteriza também por uma confiança maior do professor em si mesmo..."

Analisando os relatórios da professora Santa constatamos que seu trabalho em sala de aula não apresentava problemas. Nas observações pudemos perceber que havia um problema que era a indisciplina e a professora não apresentava isso nos relatórios. Se ficássemos presos a análise documental não haveríamos descoberto esse problema. Foi necessário trabalharmos com a observação participante para colher dados importantes para a avaliação do projeto principal.

No caso da professora Heronilda, no início das observações tivemos a impressão de que tudo caminhava bem com as aulas, até que foram feitas as entrevistas com os alunos. Elas mostraram uma mudança tanto da professora em relação à classe como da classe em função da presença do observador. Algumas respostas dos alunos em relação à pergunta se a presença do observador havia alterado alguma coisa na sala de aula: *Acho que sim por que no primeiro dia a gente ficou ansioso para saber quem você era, aí a dona ficou legalzinha (...)/Mudou. O comportamento dos alunos. Eles ficaram mais quietos/Mudou muito. Por que você é quietinho e você não é uma pessoa que fala. A classe fica quieta por que pensa que você vai falar pra dona. Antigamente todo mundo achava ela chata./Antes a classe era um pouco mais bagunceira, mas mudou um pouco só.*

Apesar de havermos constatado uma mudança na professora e nos alunos devido à presença do observador, essa mudança não foi ruim e não trouxe problemas para o aprendizado dos alunos.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que a observação participante em sala de aula, associada à entrevista e à análise documental, se demonstrou efetivamente eficaz para que se fizesse as análises das professoras, e principalmente neste caso, onde cada professora foi observada por um semestre ao longo do ano letivo, foi possível verificar estagnações nas práticas docentes, avanços na metodologia, assim como as fases de estabilização e de consolidação supra citadas.